

ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL
GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL /
REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS
SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO,
VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

**O TEMPO COMO CONSTRUÇÃO CULTURAL: ENTRE RUÍNA,
CONTINUIDADE E RECONSTRUÇÃO**

Gisele Freixo (freixogisele@gmail.com)

Este artigo propõe uma reflexão crítica e aprofundada sobre as concepções de tempo que orientam as práticas de preservação e reconstrução do patrimônio cultural, destacando como diferentes visões temporais moldam critérios de autenticidade e escolhas de intervenção. A partir do eixo “narrativas plurais e memórias silenciadas”, discute-se como a ideia linear e progressiva de tempo — dominante nos paradigmas ocidentais de conservação — privilegia a ruína como testemunho privilegiado do passado autêntico, ao mesmo tempo em que frequentemente deslegitima iniciativas de reconstrução. Estas últimas, quando promovem a atualização de sentidos de pertencimento e de continuidade cultural para diferentes grupos sociais, tendem a ser vistas como menos legítimas, revelando assim uma hierarquia de valores que não contempla plenamente a diversidade de experiências históricas.

Com base em referenciais teóricos de autores que abordaram o tempo pela perspectiva do patrimônio, bem como em interpretações contemporâneas da Carta de Nara sobre Autenticidade, o artigo busca tensionar a centralidade desse paradigma. Ao trazer à tona perspectivas que compreendem o tempo

não apenas como linha contínua, mas como dimensão fragmentada, múltipla ou mesmo cíclica, argumenta-se que as práticas de preservação podem se beneficiar de uma abertura conceitual. Tal movimento é especialmente relevante em contextos do Sul Global, nos quais o passado não é fixado exclusivamente em vestígios materiais, mas é continuamente reatualizado por meio de práticas sociais, rituais coletivos e reconstruções simbólicas que reafirmam a vitalidade da memória cultural.

Nesse sentido, a análise procura mostrar que compreender o tempo como construção cultural e não como categoria universal permite repensar os próprios fundamentos da conservação. Ao ampliar o campo do que pode ser considerado autêntico, abre-se espaço para abordagens mais inclusivas, dialógicas e situadas, que reconheçam tanto a materialidade quanto as dimensões intangíveis da herança cultural. O artigo sugere, portanto, que a revisão crítica da noção de tempo pode constituir uma via produtiva para superar a rigidez de modelos hegemônicos e contribuir para práticas patrimoniais mais sensíveis às realidades locais, às identidades coletivas e às memórias historicamente marginalizadas.

Palavras-chave: tempo; autenticidade; patrimônio cultural; narrativas plurais.